



Doentes oncológicos comprometem tratamento ao usar produtos naturais

Alerta Coordenadora do Observatório de Interações Planta-Medicamento diz que têm sido registados “muitos casos graves em Portugal”

A coordenadora do Observatório de Interações Planta-Medicamento alerta que os doentes oncológicos são os que apresentam os casos “mais graves” resultantes da toma de medicamentos conjugada com “produtos naturais”, que podem comprometer o tratamento e ameaçar a vida do paciente.

A “fragilidade e o desespero” em que o doente e a família se encontram torna-os mais vulneráveis a “uma promessa de cura milagrosa, sem efeitos adversos”, diz Maria da Graça

Campos, docente da Faculdade de Farmácia da Universidade de Coimbra.

“Os doentes oncológicos são os mais bombardeados com produtos mais bioactivos, que normalmente são mais tóxicos”, refere a investigadora à agência Lusa, acrescentando que têm sido registados “muitos casos graves em Portugal, e noutros países do mundo”, devido à interacção destes produtos com medicamentos.

São produtos compostos por substâncias activas que visam três objectivos: desintoxicar,

tratar o processo tumoral e acalmar os doentes. No entanto, a investigadora adverte que, além de não lhes tratar o processo tumoral, estes produtos “comprometem muitas vezes” os tratamentos e, em algumas situações, podem pôr em risco a vida do doente.

Segundo o Observatório - criado há dois anos para estudar as interacções entre as plantas e os medicamentos “mais frequentes e preocupantes” que ocorrem em Portugal -, as plantas que são vendidas a “preços exorbitantes”, no

“mercado paralelo, e que visam a cura do cancro contêm substâncias químicas tão ou mais tóxicas do que as que são usadas em quimioterapia”.

Quando consumidas em simultâneo podem causar graves danos na saúde do doente, alerta a especialista, dando como exemplos o aloés, a alcaçofra e a erva de São João, conhecida também por hipericão. “É importante que esta população tome consciência dos riscos a que é exposta quando faz esta terapia associada”, sublinha a investigadora. ◀